



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA - UAHis
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



A FLOR E O “BESOURO”: CINEMA E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

JADSON PEREIRA VIEIRA

ORIENTADORA

Professora Dra. Eronides Câmara de Araújo

Campina Grande, Paraíba

Mai de 2015

Prédio do CH – 5º andar. Sala: 507
R. Aprígio Veloso, 883 – Bairro Universitário
Universidade Federal de Campina Grande –UFCG

**A FLOR E O “BESOURO”: CINEMA E REPRESENTAÇÕES DA
MULHER NEGRA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

JADSON PEREIRA VIEIRA

**Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do
Curso de Especialização em Educação para as Relações
Étnico-Raciais da Rede Nacional de Formação
Continuada da Universidade Federal de Campina
Grande, SECADI/MEC, como requisito para a obtenção
do Título de especialista.**

ORIENTADORA

Professora Dra. Eronides Câmara de Araújo

Campina Grande, Paraíba

Mai de 2015

**A FLOR E O “BESOURO”: CINEMA E REPRESENTAÇÕES DA
MULHER NEGRA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

NOME DO AUTOR

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista do Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da UFCG/ SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

**Professor(a) Dra. Eronides Câmara de Araújo –UFCG
ORIENTADOR (A) – PRESIDENTE DA BANCA**

**Professor(a) PPGH/UFCG Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti
EXAMINADOR(A) INTERNO (A)**

**Professor(a) Me. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros
EXAMINADOR(A) EXTERNO(A)**

Data de defesa e aprovação:

___/___/___

A FLOR E O “BESOURO”: CINEMA E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Jadson Pereira Vieira.¹

Resumo

Este artigo sugere pensar as representações de raça e gênero sobre as mulheres negras no mundo contemporâneo, a partir do filme “O besouro”. É um relato de experiência desenvolvido com educandos do 9º ano do ensino fundamental II, da escola Municipal Irmão Damião, Lagoa Seca –PB. Esse artigo é uma exigência para conclusão de curso de especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais, promovido pela UFCG. Seu objetivo é problematizar as representações da mulher negra. Metodologicamente, utilizo o filme “Besouro” como instrumento para a discussão sobre raça e gênero, pensando sobre as diversas formas de exclusão que as mulheres negras sofrem na sociedade.

Palavras- chave: Mulheres negras, ensino de história e filme.

Abstract

This paper advises us to think about the representations of black women’s race and gender in the contemporary world. This discussion is based on the film “O Besouro” (Beetle - The Movie). This paper is a description of an experience developed with ninth grade students from the public elementary school Irmão Damião, localized in the city of Lagoa Seca in the state of Paraíba, Brazil. The following paper is required in order to finish the specialization in Education for Ethnic and Racial Relations at UFCG. This paper’s objective is to problematize the representations of black women. The movie “O Besouro” was utilized methodologically to discuss about race and gender. The objective is to think about the different kinds of exclusion that the black women experience in society nowadays.

Keywords: Black women, history education and film.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba, professor da rede municipal de ensino de Lagoa Seca - PB.

1- INTRODUÇÃO.

*Nem toda feiticeira é corcunda,
Nem toda brasileira é bunda.
Meu peito não é de silicone,
Sou mais macho que muito homem.
Maria Rita.*

Começo a narrativa sobre a construção representativa da mulher, refletindo a sensibilidade que uma educanda aponta ao trazer para a sala de aula, a canção interpretada por Maria Rita, intitulada “Pagu”², para debater sobre a visão que os educandos têm sobre o papel ocupado pelo feminismo na sociedade, e, sobretudo, quando se fala das relações das negras com as esferas de representação social.

O refrão apresentado como epigrafe serviu de mote para um debate sobre vários aspectos da vida escolar, tais como: questões relacionadas ao racismo, as discriminações de cor, raça, gênero e a condição social dos estudantes. Além do mais, a canção mostrou a importância dos saberes trazidos pelos estudantes para a construção de uma educação mais aberta pela diversidade e a compreensão do outro.

Vivemos em uma era de imagens. Saber interpretar signos visuais tornou-se mais que uma necessidade para os acadêmicos e profissionais de ensino, mas uma prioridade. E justamente, o cinema se tornou uma das ferramentas mais utilizadas pelos historiadores para efetuar seus trabalhos tanto em sala de aula como em pesquisas (LANGER, 2002, p.1).

Descobrir as subjetividades dos educandos através do uso de canções e filmes como experiências-prazer são bastante reflexivas para o meu fazer profissional, pois me induz a novos aprendizados que aperfeiçoam a condição de educador. Quando esta canção a mim foi apresentada pelos educandos, construí interpretações diferentes daquelas que havia planejado para refletir em sala na oficina temática que então planejara. Para trabalhar, pois com a questão étnico-racial, resolvi mudar um pouco minha metodologia como forma até de repensar meu fazer intelectual.

O plano de aula tomou sentidos distintos, passando a ter por objetivos a problematização das representações da mulher negra construídas por educandos do 9º ano do ensino fundamental II, utilizando para isto oficina temática com utilização de filme. A utilização do ambiente escolar como local de problematizações, apresenta-se de modo a

² Canção lançada em 2003, pela interprete Maria Rita, traz em sua letra um forte apelo de reivindicação de direitos femininos.

facilitar a quebra de preconceitos históricos construídos sobre a figura da mulher negra e os debates sobre os discursos e as relações de poder construídas sobre o feminismo negro. Esta atividade de certo modo trouxe para o contexto de sala as inquietações evidenciadas pelos estudantes sobre a temática.

Como abordagem metodológica, este relato traz pressupostos fundamentais à inserção dos saberes e conhecimentos dos educandos como meios de politização sobre questões históricas, tais como as formas de discriminação e racismo.

Para tecer estes escritos que se seguem, apoio-me em fontes audiovisuais (filme) e em relatos orais dos educandos da Escola Municipal Irmão Damião, Lagoa Seca-PB, coletados durante oficina temática intitulada “A flor e o Besouro: cinema e representações da mulher negra na história, tais experiência didáticas me forneceram elementos para a construção deste artigo.

A presente pesquisa pretende identificar as representações construídas sobre a mulher negra no ambiente escolar, utilizando a sala de aula como ambiente de problematização. Percebendo a bagagem de subjetividades que os educandos veem de suas vivências familiares e cultural, seria pensar como os alunos nas aulas de História da Escola Irmão Damião em Lagoa Seca-PB representam da mulher negra a partir do filme Besouro.

A proposta é evidenciar dois momentos. O primeiro é sustentado no uso de filmes (em oficina temática) como recurso didático para o ensino de História e cultura afro-brasileira no ensino fundamental II, vendo neste a possibilidade de promoção de uma maior atratividade dos estudantes para o ensino de história. Para tanto, usei uma análise do filme “Besouro”, produção cinematográfica do ano de 2009, produção de Vicente Amorim.³

Em um segundo momento, traço a problematização acerca da visão construída pelos estudantes sobre estereótipos da mulher negra. A oficina foi elaborada com o intuito de focar o debate proposto em sala sobre a situação da figura feminina negra na sociedade. Nossa produção buscará uma abordagem metodológica, que perceba a representação do feminino construída previamente pelos jovens educandos, sustentados em Chartier (1991). Dessa forma, pretendemos pensar como a imagem da mulher negra é construída pelos estudantes.

³ Sobre o filme Besouro é importante ressaltar que sua produção técnica disponibiliza site com informações relevantes sobre a obra, como apoio didático para interessados. Ver: <http://www.besourofilme.com.br/> Acessado em 26 de Fevereiro de 2015.

Este segundo momento é pertinente para pensar as representações do feminino negro apresentadas na grande mídia, pensando as construções estereotipadas e negativas sobre a imagem da mulher pobre/negra/trabalhadora nas instâncias sociais brasileira.

O filme e suas personagens femininas da década de 1920 servem como eixo de discussão sobre as representações do feminino que foram construídas na História, com suas continuidades e rupturas. Percebidas prioritariamente através da personagem “Dinoráh”⁴, protagonista da trama.

A discussão sobre gênero/raça a partir de paralelos estabelecidos entre as mulheres negras apresentadas na produção cinematográfica e a visão de mundo que os estudantes têm sobre o feminino são nesta discussão componentes vivos da construção desta escrita. Seria, com defende Scott (2006), o exercício de perceber a visão preconcebida que se tem sobre a mulher negra e a construção dos embates de poder que se instalam no período apresentado no filme e as continuidades dos preconceitos que são identificados pelos estudantes no seu dia-a-dia.

Os emaranhados de discursos produzidos sobre a sexualidade, criou-se tensões sociais evidenciadas no que chamamos de relações de gênero, apresentando visões estereotipadas sobre a mulher como construções que partem de um lugar de poder. Através da economia política da população forma-se toda uma de observações sobre a sexualidade. Surge a análise das condutas sexuais e suas determinações e efeitos, dos limites entre o biológico e o econômico (FOUCAULT, 2014, p.29).

As continuidades existentes entre a temática tratada no enredo e a vida cotidiana dos educandos são pressupostos fundamentais para início de uma relação dialógica de aprendizado da História. Isso significa que deve-se evitar o debate de um conteúdo em um contexto isolado da realidade dos estudantes. É preciso haver uma constante problematização de temas e inquietações com as quais se consolidam a relação do aprender e se desmistifica preconceitos historicamente estabelecidos quando se trata da figura feminina negra.

Sobre a motivação para a elaboração desta proposta metodológica, permearei os debates sobre a lei 10.639/03, no que se estabelece o ensino de História e cultura afro-brasileira bem como a própria problematização dos “não vistos na História”, que no nosso

⁴ Dinorah é a protagonista da trama segundo dados catalográficos, “Amiga de infância de Besouro e namorada de Quero-quero, Dinoráh, nutre grande revolta pela forma que o Coronel Venâncio trata a comunidade negra na região. Ela se apaixona por Besouro e se une a ele na luta pela liberdade de seu povo”. Disponível em <<http://www.besourofilme.com.br/>> Acessado em 17 de Abril de 2015.

caso seria as mulheres negras da década de 1920 no pós-abolição e os trabalhadores negros que ainda vivem em situação de constante disputa por direitos em nossa sociedade. Sendo assim, percebendo as relações de conflito e de poder, semelhante ao que pensou Foucault (2014) e as tensões que as representações sobre a sexualidade são produzidas.

O encantamento e a curiosidade em trabalhar com temas que venham a instigar os estudantes à quebra de paradigmas enraizados culturalmente, fez-me pensar, por que não discutir um tema em sala de aula que pudesse provocar uma interpretação diferente a que é comumente produzida em vários espaços de sociabilidades. Por que não fazê-los refletir sobre as suas experiências nas suas relações com o Outro? Em geral, as representações usuais obedecem a padrões segregacionistas e valores binários, como exemplo, as representações hierárquicas e de dominação entre o branco/negro, o/a homem/mulher, o/a macho/fêmea, bonito/feio e o bem/mal. Estes questionamentos me levaram a construir uma narrativa em sala de aula que buscasse refletir estas interpretações produzidas historicamente.

As representações existentes sobre a mulher negra são tomadas como tema norteador na discussão da oficina temática, na qual transcreverei nas páginas seguintes. As circunstâncias de ser professor de História me induzem a repensar o meu fazer metodológico, e é por isto que proponho refletir sobre a importância que o filme como recurso didático fornece para a efetuação de um trabalho em sala que atenda aos questionamentos que levantei anteriormente. Seria pensar esta ferramenta como mecanismo para entender aspectos ligados às interpretações dos alunos sobre o mundo que o rodeiam problematizando os mecanismos de superação dos obstáculos postos à vida em sociedade.

Pensar os estereótipos⁵ construídos sobre as mulheres negras no meio social é o tema norteador de uma problemática a ser trabalhada em sala com os estudantes, com o objetivo de quebrar preconceitos e construir valores. Os meios utilizados pelos Historiadores são os mais diversos. Seus recursos metodológicos são usados de acordo com a sua imaginação, utilizando-se da música, de contos afros, de poemas, de peça teatral como também da linguagem cinematográfica, na qual optei nas minhas discussões.

A problematização acerca da cultura é um dos grandes desafios para o ofício do historiador, sobretudo quando se pensa os mecanismos que a tornam um lugar onde preconceitos e segregações são perpetuados. Neste sentido, a produção de pesquisas e

⁵ Para Rabay (2003), estereótipos seriam “marcas” criadas sobre determinados grupos ou pessoas que se formam quando suas reais características subjetivas são apagadas, fazendo com que os indivíduos só sejam conhecidos por suas marcas/ rótulos.

metodologias de ensino que venham a contribuir por uma diminuição de preconceitos e segregações sociais torna-se válida para as vivências humanas.

Este filme possibilita o trabalho em sala de aula com questões que envolvem os negros no pós-abolição (década de 1920) e os enlacs com modelo sócio-político vigente na época (República Velha e Coronelismo). Esta será a temporalidade e recorte temático a ser desenvolvidos na oficina. Com relação ao nome proposto para ela foi “A flor e o besouro”, em alusão aos protagonistas da trama.

3. O FILME “BESOURO”.

Narrando de maneira envolvente, a vida do capoeirista Manuel Henrique Pereira, cujo pseudônimo para as lutas era “Besouro”⁶ (inseto que possui a cor negra e consegue voar mesmo tendo asas finas e pequenas comparáveis com seu corpo grande e pesado). Os elementos africanos apresentados neste filme são importantes para a construção de uma narrativa em sala de aula. As relações sociais na vida dos negros, na década de 1920, foram subsídios para uma narrativa histórica eloquente descrita na trama, que ajudam na desconstrução de ideias que se estabeleceram por um mito de uma “Democracia Racial”⁷ consolidada com o fim da escravidão no Brasil.

O filme traz a questão do preconceito, referente à identidade afro-brasileira como algo que perdura mesmo após a abolição da escravatura. A História passada no Recôncavo gira em torno das façanhas de “Besouro” e sua luta, juntamente com seus companheiros de cor contra “os inimigos” donos das terras, para conseguir não só transformar a capoeira em uma dança aceitável para todos, mais principalmente promover alguma mudança na relação entre “brancos” senhores e negros.

O enredo é voltado para aspectos da cultura africana, principalmente no que diz respeito à religião. Muito embora outros temas sejam tocados, como as relações de trabalho nos engenhos de cana de açúcar, a violência contra a prática da capoeira e das danças afro-brasileiras, o sexíssimo e a violência sexual sofrida pelas negras empregadas dos coronéis da época, tema pelo qual tomamos como mote de debate na oficina temática.

⁶ Segundo a Cultura da Capoeira, todo/a lutador/a recebe um pseudônimo atribuído a algum elemento da natureza, os exemplos da trama são Quero-quero e Besouro.

⁷ Expressão criada por Gilberto Freyre para caracterizar a harmonia das “três raças” (Negra, Branca e Indígena) que compõem a sociedade brasileira.

As filmagens de “Besouro” terminaram depois de três meses de trabalho no interior da Chapada Diamantina e do Recôncavo baiano. O longa-metragem marca a primeira coprodução de Mixer com a Buena Vista Internacional e a Globo filmes. O filme foi baseado no livro “Feijoadá no Paraíso”, de Marcos Carvalho, que narra a história de Besouro⁸. O elenco de “Besouro” conta com muitos atores estreados. A direção de arte do filme é do cenógrafo Cláudio Amaral Peixoto, e a direção de fotografia ficou a cargo de Enrique Chediak, equatoriano com carreira sólida em Hollywood, e a produção ainda conta com ocoreógrafo de ação trazido da China HivenChiuKu, responsável pelos efeitos especiais e lutas de “Matrix”, “O Tigre e o Dragão” e “Kill Bill”.

Lançado em 2009, sob a direção de Daniel Filho, o filme engloba muitos aspectos interessantes de cunho documentarístico, dando ênfase a questões bastante cotidianas. Boa parte das cenas se passam em uma feira, todavia, ainda lembra o estilo de produção hollywoodiano, explorando significativamente o clássico triângulo amoroso. Este fator não tira o mérito da obra, apesar de algumas outras ressalvas serem feitas, como a pouca voz dada aos outros companheiros de Besouro, que também tiveram sua influência na luta contra os abusos cometidos pelo coronel Venâncio, antagonista da trama.

No filme quase não se destaca outros protagonistas, fazendo de Besouro o único ‘herói’ do enredo, fator que se assemelha à historiografia ocidental positivista que privilegia a criação de heróis e datas para construção de uma história baseada na valorização de uns em detrimento de outros. Já em relação à Dinoráh,⁹ a destaque como detentora de um núcleo paralelo na trama, quando por exemplo, se mostram os assédios que sofrera do coronel e sua revolta por ter presenciado sua mãe sendo abusada sexualmente pelo mesmo.

Sabendo que a construção dos sentidos na trama se dá na montagem de um enredo que trata as relações, os conflitos e as tensões culturais, que se estabelecem tanto no espectador, por meio de uma interpretação a partir de sua subjetividade, quanto uma construção imaginativa do produtor do filme, Besouro abre aos estudantes uma percepção de como eram as relações de sociabilidades no período de sua trama. Seria, como diz Lucas

⁸Sobre todos os dados técnicos do filme, estes encontram-se disponíveis em <<http://www.besourofilme.com.br/>> Acessado em 20 de fevereiro de 2015.

⁹ Idem 4.

(2010), como se cada estudante depois de aprofundar o conhecimento sobre o conteúdo fosse apresentado ao filme e construísse sua própria historicidade.

Não se trata de pensar que as imagens cinematográficas encerram em si dado conhecimento. A construção de sentido de um filme necessariamente depende da montagem. É ela que permite a elaboração de relações que se estabelecem entre o que se vê e, o que se sabe, e o que se imagina. Não há pensamento sem imaginação.(LUCAS, 2010, p.160).

Uma particularidade do cinema é sua capacidade de dar “vida” à história, isto é, torná-la dinâmica e próxima do espectador/leitor. Neste sentido, nas aulas de História, este instrumento surge como algo importante, no sentido de ser uma possibilidade para resolver o problema da não identificação do estudante com o tema abordado no conteúdo de História. O “filme o Besouro” com toda sua dinamicidade e “impressão de realidade” dá ao conteúdo problematizado em sala uma espécie de linearidade que neste caso é bem-vinda, já que aponta para continuidades, permanências e rupturas, tão custosas de serem apreendidas por aqueles que teimam em dizer que o passado não tem nada a ver conosco.

Tendo em vista a facilidade deste recurso para se aproximar do estudante de forma lúdica e até certo ponto eficiente, juntamente com todos os aspectos que englobam a construção e efetivação de um roteiro cinematográfico, cabe aqui ressaltar a problemática que envolve a construção de um filme e sua utilização em sala de aula, partindo do princípio da disseminação de ideologias e estereótipos que sempre se fazem presentes.

Um filme é sempre criado com alguma intenção. Quando se assiste a algo, é preciso ter em mente aquilo que o seu criador quer que o diga, e isso responde ao fato de muitas vezes a história do filme dizer mais sobre a época que foi lançada do que da época que trata. Sendo assim, avaliar o contexto da criação e lançamento da obra torna-se imprescindível para detectar que mensagem ela quer passar, assim como descobrir o lugar social de quem a criou e porque ele/a utilizou determinados atores/as, músicas, ambientes. Para nosso caso, é pertinente pensar que a obra “Besouro” surge no momento de efervescência das políticas afirmativas trazidas pela lei 10.639/03.

3. “NEM NÊGA, NEM PRETA”: A QUESTÃO É DE RAÇA E GÊNERO.

Pensar a contribuição de uma História vista sob o olhar das mulheres para a elaboração de recursos didáticos que despertem nos educandos uma quebra de preconceitos entalecidos é, a meu ver, algo pertinente aos Historiadores. Desta maneira, penso semelhante a Perrot

(2002), ao refletir sobre o lugar que deve ser delegado às mulheres dentro da História. Sendo assim, devem ser apresentadas como protagonistas possíveis de uma escrita da história e responsáveis pela construção cultural de um povo.

Pensando desta maneira, o estudo das mulheres cabe ao trabalho de qualquer Historiador/a que esteja comprometido com a visibilização dos não vistos na História, pensando a partir de um olhar crítico sobre a participação destes diversos agentes para a consolidação das continuidades e rupturas históricas. Assim, perceber as relações de conflitos e as disputas por espaços que estas buscaram ao longo da história, torna-se problemática pertinente a/os historiadores/as.

As mulheres não são nem passivas nem submissas. A miséria, a opressão a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar sua História. Elas estão presentes aqui e acolá. Elas são diferentes. Afirmam-se por outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência, a hierarquia da disciplina que buscam a racionalidade do poder e estão diretamente enxertadas em seu próprio espaço e tempo. Elas traçam, um campo que seja preciso reencontrar. Uma História diferente. Uma outra história (PERROT, 2002, p.222).

Se as mulheres estão presentes nas várias tessituras da História e são ativas participantes de modelos, de tempos e espaços humanos, é algo relevante pensá-las como agentes possíveis para a História. Suas lutas e suas resistências não podem ser negadas. Neste sentido, apresenta-se a História das mulheres como sendo uma possibilidade de registro das mesmas.

Busco ir além da História das mulheres surgida em meados dos anos de 1970. Como bem discutiu Del Priore (2009), nos entremeios do movimento feminista e em suas reivindicações. Penso que os pensamentos ligados por uma História a partir das mulheres, visão esta que se torna reforçada academicamente por intelectuais, também feministas, em particular, estadunidenses para adentrar as discussões das relações de gênero.

Vendo por esta perspectiva, para além da História das mulheres, encontro no conceito de gênero uma alternativa mais completa para pensar a História. Dentro de suas análises, os entrelaçamentos de uma narrativa histórica fogem a um reducionismo que caia na da visão unilateral de mulher, ou na criação de binarismos que acirram visões segregacionistas. Segundo Pedro (2005), não seria possível, portanto, perceber a História das mulheres desvinculada à dos homens, sob o risco de se criar percepções vitalizadoras das mesmas.

Segundo o pensamento dos estudos de Gênero, na categoria mulher, não seria possível haver narrativas que não busquem relações e tensões entre ambos os sexos. Tal visão sobre

esta categoria Histórica torna possível a/o historiador/a uma releitura dos fatos históricos. Segundo Scott (1995), seriam narratividades que buscam perceber as tensões entre ambos os sexos, colocando-os como construções culturais. Seria também a rejeição aos determinismos biológicos postos por visões factuais da História.

Na utilização mais recente, o termo gênero, parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo e diferença sexual (Scott, 1995, P.72).

Partindo deste olhar, acredito que tal categoria mereça ser percebida no contexto de trabalhos em sala de aula. Pensar a construção dos sujeitos como edificados sob a égide das relações culturais é um passo importante para que o/a historiador/a problematize com seus educandos questões polêmicas sobre os lugares destinados às mulheres na nossa sociedade.

Esta visão sobre o gênero está embasada nos pensamentos da Nova História cultural. Para Burke (2005), essa visão prioriza a união da História com os Estudos Culturais e a utilização como objetos de pesquisa e de construção dos saberes relacionados a esta área.

A abordagem interna trata da presente renovação da história cultural como uma reação às tentativas anteriores de estudar o passado que deixaram de fora algo ao mesmo tempo difícil e importante de se compreender (a cultura). De acordo com esse ponto de vista, o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem abarcar (BURKE, 2005, p.8).

No que se refere ao trabalho em sala, penso que uma possibilidade metodológica seria a desconstrução das representações estabelecidas sobre a mulher negra no convívio social. Penso semelhante ao que afirma Chartier (1991), quando elabora uma visão sobre a construção cultural que os indivíduos fazem sobre algo. Problematizar uma Epistemologia Feminina dentro do campo do ensino de História é buscar a compreensão dos lugares que são dados às mulheres, lugares estes de protagonistas e de agentes de histórias possíveis, assim como os homens historicamente foram. Pensar desta forma é um desafio aos estudos Historiográficos atuais, que devem ser postos de forma mais ampla à sociedade, A fim de clamarem por mudanças de paradigmas machistas estabelecidos. Segundo Rago (1998), é preciso que se quebrem pensamentos que se julgam o modelo de Homem como ser universal, que se posta como “o branco, heterossexual, civilizado do Primeiro Mundo”, deixando-se de lado todos/as aqueles/as que escapam deste modelo de referência.

Há quem diga, aliás, que a questão interessa pouco ao “feminismo dos trópicos”, onde a urgência dos problemas e a necessidade de rápida

interferência no social não deixariam tempo para maiores reflexões filosóficas. Contrariando posições e tentando aproximar-me da questão, gostaria de esboçar algumas ideias. Afinal, se considerarmos que a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos, deveríamos prestar atenção ao movimento de constituição de uma (ou seriam várias?) Epistemologia Feminista, ou de um projeto feminista de ciência. (RAGO, 1998, p.3).

Não se trata como defende Rago (1998) e por tantas/os outras/os que discutem o tema “Mulher”, de criar dicotomias e esquemas binários¹⁰ entre Homem-Mulher, que alimentam divisões e separatismos entre os sexos. O que se pretende com estes debates é adentrar nas relações, que são antes de tudo de “Poder”¹¹ e se estabelecem nos âmbitos sociais. Sobre uma História feminina, é uma maneira de ver os estudos sobre as mulheres, de lugares e/ou temporalidades distintas, detentoras de historicidades possíveis. Percebo que seus modos de ver o mundo, de maneira alguma serão semelhantes aos masculinos, mas, que me exercem fascínio para estudo. Não se trata com isto de um processo que se encadeie em criar divisões, na verdade, é apenas uma outra maneira de mostrar que as relações entre os sexos estão evidentes em várias instâncias e podem ser percebidas pelo/a Historiador/a para um estudo com educandos em sala.

Sobre a visão da “mulher negra” meu intuito é pensar como esta, dentro de uma historicidade, caiu nas lacunas do esquecimento dos historiadores. Outrossim, suas construções no que se refere ao “Ser Negra”, “Ser Mulher”, devem ser visibilizadas de modo a eliminar, ou ao menos diminuir as injustiças históricas cometidas às suas culturas.

Vejo como pertinente uma elaboração metodológica que também desperte nos educandos uma visão sobre suas identificações sociais, semelhante ao que diz Hall (2004), ao sustentar o processo de construção de identidades múltiplas dos sujeitos no mundo atual, para assim pensar que a mulher, no mundo contemporâneo, tem a liberdade de afirmar-se da maneira que lhe é pertinente, falando em modos indenitários. Muito embora esta liberdade ainda esteja ligada a paradores moralizantes quase sempre são sexistas e heterocêntricos.

Neste sentido é de fundamental importância para o enfrentamento e superação das discriminações que a escola esteja tecnicamente preparada e

¹⁰ O sistema numérico binário é uma numeração posicional em que todas as quantidades se representam com base em dois números, ou seja, zero e um (0 e 1). Este sistema é bastante utilizado na linguagem da Informática. Nas ciências humanas define campos antagônicos de posicionamento de ideias, teorias ou discursos.

¹¹ Ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: edições graal, 1988, p.14 - 19.

politicamente comprometida com o combate ao racismo, a discriminação social de gênero e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (RABAY, 2003, p.8).

Os desafios que a escola enfrenta são espelhos do que a sociedade como um todo passa. Infelizmente o mundo ainda reserva “espaços de inferioridade” aos negros/as e aos que fogem do padrão de homem branco/burguês/ocidental. Falas segregacionistas e discursos de ódio ainda reverberam na escola. Desta maneira, é papel do educador atentar com um novo olhar estas relações para que se torne mais diversos, aceitando assim os grandes desafios das quebras de paradigmas que constantemente são colocados em pauta.

São tantas as falas preconceituosas que me tornaria repetitivo em listá-las, mas que servem justamente para exemplificar o quanto ainda são fortes os estigmas existentes dentro do contexto escolar e o quanto é importante o papel do professor para combatê-los. Seja o coleguinha que chamou o outro de ‘negro safado’, a garota que falou que o cabelo da amiga é “Bombril”¹², a professora que espalha para os quatro cantos que odeia a religião satânica dos negros e que lugar de mulher é ser “moça de família”.

4.UMA EXPERIÊNCIA PARTILHADA.

Neste momento busco traçar os relatos e as vivências trazidas por alunos do nono ano do ensino fundamental II, da escola Municipal Irmão Damião Clemente, em Lagoa Seca-PB. Leciono História nesta escola há três anos, sempre buscando promover experiências que visibilizem os agentes sociais mais sofridos para a História (negros, mulheres, populações indígenas, ciganos, etc.) e também temas que são de interesses da realidade social dos educandos, (violência no campo, drogas, racismos, sexualidade, etc.). Tais temas induzem a uma reflexão sobre as experiências de vida trazidas pelos educandos para a sala de aula que me ajudam a promover uma reflexão sobre o pertencimento de cada um e o lugar que ocupam no mundo.

Certo dia após transcrito o conteúdo sobre república velha e os direitos civis que a mulheres conquistaram naquele momento histórico, um estudante indaga – “Por que no Brasil só se fala de mulata, como sendo a “gostosa” e o exemplo de beleza feminina? ” Esta questão causou murmúrio entre os colegas, que começaram a apresentar justificativas diversas e sem uma problematização mais profunda sobre o tema. Neste momento o sinal toca, saio da sala,

¹² Marca de esponjas de aço, refere-se a apelido pejorativo dado a meninas com cabelo crespo.

e imediatamente, surgi-me uma ideia de problematizar com meus discentes, algumas questões relacionadas aos espaços reservados a mulher negra na sociedade contemporânea.

A ideia de problematizar o filme *Besouro*, era uma indicação paradigmática a ser trabalhada em sala, mas veio-me a problemática de lançar um olhar sobre as personagens negras apresentadas no filme (Dinoráh, sua mãe Teresa e Zulmira). Seria necessário refletir sobre o que tais personagens traziam sobre representações do Brasil rural da década de 1920, período, compreendido com época do pós-abolição.

Ferro (1992) questiona a visão política que cada produção cinematográfica tem pensado se os jovens ainda se chocam e se identificam com as cenas de uma representação do passado é porque ainda está presente em certo nível de continuidade nas relações cotidianas dos mesmos. Dinoráh, Teresa e Zulmira¹³ resistem como podem aos abusos e são vistas pelos estudantes como reflexos de mulheres negras que ainda hoje sobrem abuso em circunstâncias domésticas com esposos e patrões. Se o filme traz estas realidades à tona, percebemos que este está “vivo” e reflete, sobretudo, uma demanda social que é latente.

Aquilo que nem sempre é muito evidente quando se escreve um livro aparece imediatamente quando durante a realização de um filme. Por exemplo a oposição flagrante entre história dos historiadores e a história considerada como conservadora a de um patrimônio de uma cidade (FERRO, 1992, p.73).

Se a representação trazida por “*Besouro*” reflete uma demanda social, isto é sinal que esta produção é pertinente ao trabalho em sala de aula e trará bons resultados sobre o que se pretende discutir. A oficina temática inicia-se com as seguintes questões: “O que é preconceito? O que a questão de gênero (disputa entre os sexos) representa para vocês? ” Alguns estudantes já tiveram um conhecimento prévio do assunto muito embora outros desconhecessem por completo as palavras norteadoras das questões “*Racismo e Gênero*”. De modo geral, iniciou-se a oficina temática com um debate para medir o nível de conhecimento do alunado sobre a temática.

Os resultados foram bem significativos no que se refere ao conhecimento de mundo que o tema induz, muitos apresentaram conhecer ao menos superficialmente a causa. Isto me fez perceber que a aula teria bons proveitos, pois o debate teria subsídio. A aluna “S.B.”¹⁴

¹³ Dinorah filha de Teresa, a própria Teresa e Zulmira são empregadas do coronel Venâncio. Durante toda a trama elas resistem à sua maneira os abusos (físicos e sexuais) cometidos no ambiente da fazenda.

¹⁴ Por questões éticas, irei me referir aos estudantes citados neste artigo por suas letras iniciais de nomes e sobrenomes.

tomou a iniciativa de começar a responder à questão que lhe foi proposta em sala de maneira bastante elucidativa.

Acho que a questão do preconceito em cada pessoa é única. Ninguém é igual a ninguém, mas às vezes é difícil o povo perceber este tipo de coisa, aí acaba partindo para o xingamento, o apelido, mangando dos outros. Não é porque uma garota é magra que eu tenho que ser magra também. Se o cara ou a menina são gordos, eu não posso tratar aquela pessoa completamente diferente.¹⁵

A problemática do respeito levantada pela aluna se fez presente nas falas de muitos outros quando o tema foi preconceito. O fato deste tema está em voga nos discursos midiáticos e dos jovens estarem inseridos em um mundo da informatização em que notícias de discriminação, racismo e homofobia, são fortemente explorados faz com que ao menos na superficialidade os estudantes tragam em suas bagagens discurso de aceitação da diferença. Estes conhecimentos, às vezes, são bastante superficiais e muitas vezes não refletem atitudes de mudanças de comportamento nos alunos.



(Imagem I: arquivo pessoal, oficina temática realizada dia 05 de novembro de 2014).

Conforme a *imagem I*, a oficina temática se deu de modo a promover um debate entre os presentes. Os/as estudantes, começaram a expressar suas opiniões e interpretações sobre a figuras femininas negras no mundo contemporâneo. Neste sentido, falas do tipo: “As mulheres negras devem ser respeitadas”; “O racismo é coisa muito feia, no mundo que a gente vive”; “Nós devemos aceitar os outros do jeito que são, articulavam-se com outras, “Mulata de short curto é puta”; “Cabelo crespo é ruim mesmo”; “Acho que puta¹⁶ é a mulher que se

¹⁵ Fala do estudante “S.B”, 12 de novembro de 2014.

¹⁶ Segundo dicionário online de português, Puta é mulher que faz relações sexuais por dinheiro: prostituta. Disponível em < <http://www.dicio.com.br/puta/> > Acessado em 22 de Maio de 2015.

oferece para os homens”¹⁷. Estas falas induzem a um certo desconhecimento ou mesmo imaturidade para refletir sobre as problemáticas do racismo e das relações de gênero.

As falas revelam que o papel do professor na problematização das questões que norteiam o dia a dia dos estudantes é de vital importância. Neste sentido, nos debates que se construíram em sala, cumpri o papel de articulador e facilitador dos debates de modo a aprimorar as reflexões construídas pelos estudantes sobre o tema.

O estudante “L.G.S” mostra em sua fala, que apesar de saber o que é preconceito, seus ditos ainda são reprodutores discursos de uma rigidez imposta pelo meio social onde está inserido, muito embora ele repasse este discurso de maneira inconsciente, por ainda estar se moldando a uma construção subjetiva. Tais deslizes são comuns a uma maioria do universo pesquisado¹⁸, mostrando que muitas vezes seus desconhecimentos partem do contexto social (família, grupo de amigos, imaturidade subjetiva).

O povo fala que você é trombadinha¹⁹ sempre por causa da roupa que você veste, se você gosta de reggae ou por conta de brinco na orelha ou tatuagem que você tenha. Mas isto é verdade, porque todo “trombadinha” é quem usa isto. Agora as pessoas que não são, usam estas coisas se inspirando nestes bandidos da rua porque acham bonito.²⁰

Na fala do estudante, percebemos que muitas vezes os discursos do senso comum inspirados em uma visão que não respeita a diversidade, são segregacionistas e com nuances de racismo acaba por se generalizar e justificar “verdades” preconceituosas. Em grande parte, a reflexão a ser feita é marcada por um pensamento do lugar de sociabilidades que este sujeito ocupa e as influências que ele sofre de fatores como família, televisão, internet. Daí a importância de uma problematização que caminhe para novas interpretações sobre a discriminação contra as populações negras.

Faz-se necessário, uma reflexão no âmbito das discussões sobre Juventude. Muitas vezes o jovem prefere seguir uma interlocução diferenciada com relação às suas vivências em sociedade, seguindo, muitas vezes, a interlocução com meios midiáticos (televisão, internet e redes sociais) do que propriamente é posto como regra a ser seguida dentro do âmbito

¹⁷ Fala do estudante “P.T.S”, 12 de Novembro de 2014

¹⁸ A Oficina temática foi realizada com um público de 50 alunos, com faixa etária de 14 a 17 anos, regularmente matriculados no nono ano do ensino fundamental II na rede municipal de Lagoa Seca-PB.

¹⁹ Segundo dicionário informal, trombadinha é criança ladra que ataca geralmente em grandes centros urbanos brasileiros. Disponível em < <http://www.dicionarioinformal.com.br/trombadinha/>> Acessado em 22 de Maio de 2015.

²⁰ Fala do estudante T.F.S, 12 de Novembro de 2014.

familiar. Penso aqui, semelhante ao que disse Dayrell (2007) sobre a juventude no contexto escolar.

O estudante “P.S.G” apresenta uma fala complementar a de “L.G.S”, pois defende em seus relatos que vê na comunidade onde mora, na maioria das vezes, situações que apontam para uma acusação de que quem rouba são “uns negrinhos” que frequentam a rua. Aqui, é perceptível que muito da construção representativa que se tem sobre as pessoas negras é fruto de uma carga preconceituosa que é alimentada na família a gerações. Este adolescente provavelmente absorve tais discursos, mesmo que de forma inconsciente, das convivências familiares e das falas do mais velhos. Vejam o que ele diz.

Lá perto de casa tem muito roubo, moro no são José. Meu pai diz que quem rouba são uns negrinhos safados, moleques de rua que passam por lá. Ele diz que isso só poderia ser coisa de negro desocupado mesmo. Meu avô disse uma vez que todo negro é ruim [...] Eu não sou preconceituoso, não tenho raiva dos negros, mas concordo um pouco com meu pai, porque sempre quem rouba na rua são eles. E dá um pouco de medo, porque às vezes eles aparentam ser sujos e perigosos.²¹

Apesar da intenção do estudante de se mostrar como uma pessoa que não tem preconceitos de raça, é perceptível que as influências dos discursos de sua família o mobilizam fortemente. Ao tomar o pai e o avô como referências, ele reafirma um discurso de interiorização e culpabilização da violência na sua comunidade para os negros que lá transitam.

A fala destes dois estudantes me levou a uma reflexão sobre os lugares que a cultura negra ocupa na nossa sociedade. O racismo perpetuado a várias gerações desde o Brasil escravista até as décadas do pós-abolição e a influência das falas dos que convivem com estes jovens (família, amigos, vizinhos) muitas vezes ajudam na promoção de falas preconceituosas. Muito embora seja preciso relativizar tais questões não quer dizer necessariamente que estes estudantes não sejam passíveis de outras interpretações sobre o racismo e passem a reformular suas falas e suas atitudes com relação à aceitação do outro.

Com o desenvolver das atividades e após a compreensão da carga subjetiva dos estudantes, alguns apresentaram relatos de aceitação e de compreensão das desigualdades sociais que as mulheres negras ainda enfrentam no mundo e outros com ideias que ainda proliferam preconceitos e estigmas sobre as mesmas. Foram elaboradas comparações sobre os

²¹ Fala do estudante “E.G.S”, dia 12 de novembro de 2014.

direitos femininos ao longo da História e os debates sobre a gigantesca demanda por direitos que as mulheres ainda necessitam alcançar.

Com relação às mulheres negras, percebe-se que havia nas falas dos educandos discursos do que elas ainda sofrem. São mais discriminadas do que as autodeclaradas brancas. Neste momento percebi, que eles trouxeram exemplos das suas realidades diárias. De modo geral uma série de exemplos foram citados para demonstrar que nas suas vivências todos convivem de alguma forma com as segregações de gênero e raça.

Posteriormente, ouve a exibição do filme com intuito de promover uma visão histórica de aspectos da vida das mulheres negras na década de 1920.²² Nesse sentido, penso que (...) *quanto a utilização política do filme, esta nasce praticamente junto com ele (...)* (Ferro, 1992, p.153). Para perceber que a produção cinematográfica, não sendo diferente de outras produções, atende a interesses políticos referente ao trabalho com a história e cultura negra. Sendo assim, foi uma escolha pertinente ao trabalho que me propus a fazer.

O filme retrata muitas coisas, inclusive a vida das mulheres naqueles tempos, Mostra a mulher negra e o valor que ela tinha naquele tempo, aquela história passada na república velha. A mulher negra naquele tempo só tinha valor para ser escrava do lar, empregada e usada pelos homens. A mulher negra é tão linda, mas não foi valorizada pelos seus patrões. Para os grandões e para os coronéis, elas eram só escravas e prostitutas mas para os capoeiristas eles eram valorizados, lindas e maravilhosas, elas tinham valor imenso para eles. Acontece muita coisa naquele filme que é pura realidade, que realmente aconteceu naquele tempo. E que acontece até os dias de hoje.²³

É notório o quanto a produção cinematográfica contribui para a construção de uma narratividade nos estudantes. E devidamente problematizada, torna-se uma importante ferramenta para o historiador. O filme “Besouro” ajudou na construção de uma linearidade e no fomento de rupturas históricas para a turma, mas, acima de tudo, contribuiu para a reflexão de temas mais delicados, como as relações de gênero na sociedade atual. Seria o processo de percepção da realidade retratada no filme, como algo que ainda se perdura na sociedade contemporânea.

Em sua construção, tanto o documentarista como os historiadores se propõem a responder questões que os mobilizam como sujeitos sociais inseridos na história do seu tempo(...) O filme segue a trilha de

²² Apesar do filme ter como principal eixo de narrativa cinematográfica a relação de heroísmo de seu protagonista “Besouro” contra os abusos cometidos pelo coronel Vicente, dono das terras na região do recôncavo baiano e a relação do povo negro com as religiosidades de matriz africana. Vejo neste, uma ampla possibilidade de trabalho com as mulheres negras da década de 1920, percebendo suas formas de resistência ao poder estabelecido.

²³ Fragmento de texto produzido pela aluna “T.M.O.C.S” no dia 12 de Novembro de 2014, Neste ela revela sua interpretação sobre a participação feminina no enredo da produção cinematográfica.

experimentações formais e ousadas e, isso contribui para construção de sua face política e da relação entre estes dois profissionais (BEHAR, 2010, p.187)

“Besouro” trouxe para discussão aspectos da realidade social dos educandos fazendo com que as questões relacionadas ao tema proposto se tornassem mais evidentes. Este filme, que tem uma marcante vinculação política, ajudou em grande proporção a alcançar os resultados esperados com a oficina temática.

Sobre as representações que são apresentadas no filme, algumas reflexões devem ser elaboradas para poder se entender os debates promovidos em sala. A primeira delas é sobre as imagens apresentadas sobre as mulheres na produção cinematográfica. As personagens femininas (todas negras), apesar de não serem o foco central da produção, apresentam-se em várias cenas, protagonizando momentos de violência, abusos sexuais, trabalho doméstico cometidos pelo senhor das terras no recôncavo baiano e por seus jagunços.

Uma segunda possibilidade que se pode refletir sobre as representações das mulheres mostradas no filme seriam as construídas pelos estudantes. Elas, a seus modos, construíram interpretações sobre a narrativa que foram essenciais para a construção de paralelos entre as realidades apresentadas no filme e as continuidades ainda existentes em nossa sociedade.

O filme “Besouro” relata o preconceito. Mostra que a mulher negra só era vista como objeto sexual. Os homens as tratavam como serviçais e, muitas vezes, as usavam para ter relações sexuais. Hoje em dia, o preconceito aumentou mais. Mas em algumas situações os homens ainda veem a mulher negra como a mulher “gostosa”. Nos tempos de hoje, existem mulheres negras que são cantoras, artistas, pedreiras, caminhoneiras, etc. Ainda existem muitos, programas de televisão que horrorizam a mulher negra. Exemplo O Zorra Total. Tem episódio que relata que a mulher negra é enrolada, mendiga, incapaz de trabalhar.²⁴

Ao fazer um comparativo entre a realidade de exploração da jovem Dinoráh revelada na tentativa de estupro sofrida por ela na trama e a realidade de opressão e falta de espaços que ainda são comuns às mulheres negras na atualidade, a aluna “E.G.B” fez um comparativo das representações apresentadas na obra e suas interpretações de mundo sobre o tema. É claro que seu relato foi produzido após a reflexão da oficina temática. Neste sentido, muito de sua fala foi fruto das interpretações construídas de maneira conjunta entre os estudantes da turma.

Lembro-me de Chartier (1991) ao refletir que as representações são construções que permeiam o mundo do texto. No nosso caso seria o filme e a realidade de mundo vista pelos estudantes e o mundo do leitor, apresentado as interpretações que cada um construiu sobre o

²⁴ Fragmento de texto produzido pela aluna “E.G.B”, no dia 12 de novembro de 2014.

panorama histórico da aula, e sobre as questões relacionadas aos problemas enfrentados corriqueiramente por esta parcela da sociedade.

Um próximo passo foi propor aos estudantes que elaborassem painéis temáticos²⁵ para serem apresentados na semana da consciência negra que anualmente é organizada na escola. Vale salientar que esta semana serve como culminância de trabalhos das diversas áreas do conhecimento dentro da instituição, sendo totalmente oposta à ideia folclorizadora do dia 20 de novembro²⁶.

Foram propostas atividades aos estudantes que as levassem a pensar, pois há um estigma sobre os espaços reservados às mulheres negras na sociedade. Existe uma luta edificada por personalidades (da política, artes, cinema, educação, etc.) que há décadas lutam pela afirmação de direitos. Neste sentido, após a exibição do filme, começamos um debate que seguiu um comparativo entre as ações afirmativas para as populações negras e a realidade das personagens negras encontradas na trama. Como atividade os estudantes pesquisaram biografias de mulheres negras da Paraíba e do Brasil.²⁷



(Imagem II: arquivo pessoal, exposição de painéis temáticos na semana pedagógica da consciência negra de 2014, na escola Irmão Damião, Lagoa Seca-PB.)

As imagens e as colagens elaboradas pelos alunos, *ver imagem II*, serviram para além de uma ornamentação da escola. Elas foram reflexo de uma aprendizagem compartilhada que

²⁵ Meu intuito não foi criar modelos de heróis conforme Historiografia factual fez em outras épocas. Busco dá visibilidade aos não vistos na História (mulheres negras que tiveram atuação marcante na história brasileira no século XX).

²⁶ Dia comemorativo à Consciência Negra, marco das lutas do mártir quilombola Zumbi de Palmares.

²⁷ Os estudantes apresentaram painéis biográficos sobre pessoas de destaque na luta por direitos dos negros e negras no Brasil (Zezé Motta, Margarida Maria Alves, Elza Soares, Alcione, Benedita da Silva, etc.).

teve como intuito a vivência de uma educação para as relações étnico-raciais, que atende aos anseios da diversidade e da inclusão dos/as historicamente marginalizados.

Os cartazes foram produzidos em aula após as oficinas temáticas e serviram como partilha dos conhecimentos aprendidos. As formas como estes foram produzidos (pesquisa iconográfica e biográfica sobre personalidades negras brasileiras) levaram os educandos a refletir de modo abrangente, sobre o lugar de submissão que as mulheres negras ocupam em relação aos outros grupos sociais. O objetivo destas produções foi ampliar o conhecimento sobre estas pessoas, bem como promover ação afirmativa sobre a história e cultura negra. Quando o aluno “G. E. A” expõe o cartaz sobre a biografia de Elsa Soares²⁸, que traz em vários aspectos de sua vida a célebre frase de uma de suas canções (a carne mais barata do mercado, é a negra), o estudante está produzindo uma nova interpretação sobre a figura desta personalidade e assim construindo um saber pautado na aceitação do outro.

Estas vivências fugiram de uma prática factual de ensino, pois foram abertas a temas propostos também pelos educandos, a exemplo da problematização das relações de gênero dentro do contexto de sala de aula. Como diz Albuquerque (2012) problematizações que trazem ao debate temas como Raça, Gênero e Classe social, fazem do educando protagonista de sua própria realidade social.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao término deste trabalho, sinto-me com a sensação de que este se enquadra como uma contribuição para problematizar os lugares de segregação que ainda são reservadas as populações negras na sociedade brasileira. No entanto, apresenta-se também como uma ferramenta a mais de leitura sobre o fazer dos profissionais da educação quando debruçados no ensino de História.

As experiências partilhadas são uma parcela de contribuição, diante das possibilidades trazidas por uma educação para a diversidade. Pensar as diferenças culturais dos diversos sujeitos que formam a sociedade é educar para a diferença. É tarefa crucial no combate às diversas formas de racismos e preconceitos, e a escola está inserida no contexto de combate as diversas formas de discriminação, como sendo o ambiente onde as interações com os meios externos são moldadas para a melhoria das relações humanas.

²⁸ Cantora de Música Popular Brasileira.

Quando proponho uma discussão sobre temas relacionados às relações de gênero e raça, não pretendo criar receitas acabadas de como lidar com estas questões em sala de aula, tão somente alimentar discursos hegemônicos de divisões sexuais. O que proponho é mostrar que é possível articular temas que estão latentes nas instâncias sociais e que devem ser trazidos para o contexto de debates do ensino de História. Neste sentido, a Lei 10.639/03, institui os debates sobre os saberes e as culturas afro-brasileiras dentro das vivências cotidianas da escola.

Vejo que as aulas devem ser elaboradas de maneira a fazer cumprir referida lei, de maneira transversal à grade curricular posta e de modo a promover a inserção de debates com as “novas linguagens no ensino de História”. Quando proponho a utilização do filme “Besouro”, estou buscando maneiras de elaborar formas mais flexíveis de discutir sobre os lugares de preconceitos criados para as mulheres negras em nossa sociedade.

6- REFERÊNCIAS.

ALBURQUERQUE, Walquíria Farias de. *A construção historiográfica e o sexo: gênero, cultura e identidades*. IN_____. SILVA, Fabio Ronaldo da; Montenegro, Rosilene Dias; SANTOS Sandra Raquew dos. **Gênero e identidades sexuais**. Campina Grande: EUFCG, 2012, P. 219-234.

BEHAR, Regina Maria Rodrigues. *Conterrâneos velhos de guerra: o cinema escreve a história vista de baixo*. IN_____. CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; CARNEIRO Jr, Raimundo Barroso. **Cultura Histórica e Historiografia: legados e contribuições século 20**. João Pessoa, Editora universitária UFPB,2010, p. 183- 203.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger, **O mundo como Representação**. Estudos avançados, 1991.

DAYRELL, Juarez. **A Escola “Faz” As Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil**. Educ. Soc., Campinas: vol. 28, n. 100 - Especial, 2007, p. 1105-1128

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres: as vozes do Silêncio**. In_____. FREITAS,

Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, 2005, p.217-235.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e guerra, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: edições graal, 1988.

HALL, Stuart, **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

LANGER, Johnni. **Metodologia para análise de estereótipos em filme Históricos.** In_____. *História e Ensino*. UEL. Vol.8, 2002.

LUCAS, Meize Regina de Lucena. *Cinema, História e cultura visual*. IN_____. CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; CARNEIRO Jr, Raimundo Barroso. **Cultura Histórica e Historiografia: legados e contribuições século 20.** João Pessoa, Editora universitária UFPB,2010, p.159-168.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como Fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** HISTÓRIA, SÃO PAULO, V.24, N.1, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História.** Bauru- SP, 2002.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, Gênero e História – UNICAMP: MASCULINO, FEMININO, PLURAL.** Florianópolis: mulheres, 1998.

_____. **Sexualidade e identidade na historiografia brasileira.** Revista Aulas: IFCH/UNICAMP. Dossiê Identidades Nacionais, nº2, 2006.

RABAY, Gloria; MELO, Helena. **Gênero, Raça e Etnia.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil da análise histórica.** Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol, 20, nº2, Jun./Dez. 1995, p.77-99.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História.** 5ª Ed, São Paulo: Ática, 2007.